



**CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ANDRESSA NUNES MOURA

**O QUE ALICE ENCONTROU POR TRÁS DO ESPELHO: UMA
LEITURA DO FANTÁSTICO NO ROMANCE VITORIANO DE
LEWIS CARROLL**

GUARABIRA-PB

2017

ANDRESSA NUNES MOURA

**O QUE ALICE ENCONTROU POR TRÁS DO ESPELHO: UMA LEITURA DO
FANTÁSTICO NO ROMANCE VITORIANO DE LEWIS CARROLL**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), à Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus III, Guarabira, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras - Habilitação em Língua Inglesa, sob orientação do Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes.

GUARABIRA-PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

M929q Moura, Andressa Nunes.

O que Alice encontrou por trás do espelho: Uma leitura do fantástico no romance vitoriano de Lewis Carroll [manuscrito] / Andressa Nunes Moura. - 2017
42 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Romance vitoriano. 2. Alice através do Espelho . 3.
Literatura inglesa.

21. ed. CDD 820

O QUE ALICE ENCONTROU POR TRÁS DO ESPELHO: UMA LEITURA DO
FANTÁSTICO NO ROMANCE VITORIANO DE LEWIS CARROLL

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), à Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus III, Guarabira, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras - Habilitação em Língua Inglesa, sob orientação do Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovada em: 04, 08, 17

BANCA EXAMINADORA

Auricélio Soares Fernandes

Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/UFPB)

Benigna Andrade Diniz

Prof. Esp. Benigna Andrade Diniz (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rosângela Neres M. Silva

Prof. Dr^a Rosângela Neres da Silva (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho aos meus pais, a minha irmã e minha filha que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o único e Senhor da minha vida à qual sou infinitamente grata pela força, sabedoria e coragem para não desanimar a ti agradeço por essa conquista em minha vida.

Agradeço aos meus pais Rosilene Nunes e Orlando Costa pelo incentivo. Mãe agradeço por seu cuidado e dedicação que em alguns momentos me deram esperança para seguir. Pai, sua presença representou segurança e certeza de que estavas sempre comigo nessa caminhada.

Agradeço ao meu orientador Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes pelo incentivo, pela paciência, pela força e principalmente pelo carinho. Obrigada por acreditar e ser o responsável por essa conquista.

Agradeço a minha irmã Alana Thalia e seu noivo José Anderson por sempre me incentivar e acreditar em mim. Agradeço pelo apoio e esforços para que eu chegasse a essa etapa em minha vida.

Agradeço em especial a minha amada filha Maria Cecília meu maior presente que apesar de não ter conhecimento disto me iluminou de maneira especial os meus pensamentos.

Agradeço também a minha grande amiga Rosilda João da Silva à qual sempre esteve presente em minha vida, agradeço pelo carinho, dedicação, apoio e principalmente pela amizade e o incentivo.

Agradeço aos professores e a todos que passaram por minha vida acadêmica e que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma leitura do romance vitoriano *Alice Através do Espelho e o que ela encontrou por lá*, publicado originalmente em 1871, por Charles Lutwidge Dodgson, mundialmente conhecido pelo pseudônimo Lewis Carroll. O romance nos convida a um passeio pelo reino da fantasia onde tudo pode acontecer dentro de um sonho, além de apresentar elementos *nonsense*, características do estilo do próprio autor. É exatamente nessa perspectiva que iremos discutir esse romance, a partir das teorias do fantástico mostrando a importância da hesitação, da presença do objeto mediador capaz de levar o leitor para fora do universo narrativo e das temáticas intrínsecas à essa literatura tão popular. Dessa forma, basearemos nas teorias de Todorov (2010), Ceserani (2006) e David Roas (2014), que defendem pontos de vista diferentes acerca do fantástico na literatura.

Palavras-chave: Romance vitoriano. Fantástico. *Alice Através do Espelho*

ABSTRACT

This article aims to make a Reading of the Victorian novel *Alice through the looking-glass*, published in 1871 by Charles Lutwidge Dodgson, wordly acclaimed by the pseudonym of Lewis Carroll. That novel invite us to a travel by the realms of fantasy where everything can happen in a dream within a dream, beyond presenting some elements of nonsense that are characteristics stylistic of Carroll himself. So, in this perspective we are going discuss Carroll's novel, from theories of the fantastic showing the importance of hesitation, the presence of the mediator object capable of taking the reading to another place out the narrative universe and the themes within this popular literature. Thus, we will have as theoretical framework writings of Todorov (2010), Ceserani (2006) and David Roas (2014) who expose different points of view about the fantastic in literature.

Keywords: Victorian novel. Fantastic. *Alice through the looking glass*.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	CAPÍTULO I: LITERATURA FANTÁSTICA: UMA REVISÃO TEÓRICA ...	10
3	CAPÍTULO II: UMA LEITURA DOS ELEMENTOS DO FANTÁSTICO EM ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO.....	18
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a presença do fantástico no romance *Alice Através do Espelho e o que ela encontrou por lá* (1871), do escritor Charles Lutwidge Dodgson, mas conhecido pelo seu pseudônimo Lewis Carroll.

A análise do romance deu-se a partir das definições e perspectivas do fantástico. Apesar das várias definições do fantástico, tomamos como base teórica os estudos feitos por Todorov (2010), Roas (2014), Ceserani (2006) entre outros estudiosos que prestaram sua contribuição para a definição e características do fantástico. Desta maneira observamos que o fantástico dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e a personagem... (TODOROV, 2010, p. 47).

Para tanto, também faremos uma breve explanação acerca do período vitoriano, época em que a obra foi escrita e o *nonsense*, presente em toda obra do romancista Carroll.

Nosso trabalho será dividido em dois capítulos: No primeiro, vamos fazer uma revisão teórica sobre o fantástico na literatura. Nesse capítulo, através de Todorov (2010), Roas (2014) e Ceserani (2006) que trazem sua definição e a partir delas podemos analisar o romance. Dessa forma, vamos estudar o fantástico como um gênero capaz de transportar o leitor para outra dimensão e despertar no leitor indagação a cerca de tudo que ele acompanha.

No segundo capítulo, faremos um estudo de como o romance *Alice Através do Espelho* pode ser analisado através do fantástico, em suas categorias temáticas e retóricas, tendo em vista que todo o romance podemos encontrar representações que reforçam ainda mais esse gênero, como por exemplo: a inversão dos sentidos presente no País dos Espelhos observando as anedotas e os diálogos permeados de duplo sentido.

Desta maneira a partir das definições do fantástico se faz possível o estudo mais detalhado do romance, a fim de mostrar uma boa parte da ligação do romance com esse gênero.

CAPÍTULO I: LITERATURA FANTÁSTICA: UMA REVISÃO TEÓRICA

Não se sabe ao certo quando se deu especificamente o surgimento da denominada **literatura fantástica**. As suas primeiras aparições ocorreram por volta do século XIX, num período em que todo o mundo passava por um momento de transição e por uma radical transformação dos modelos culturais e sistemas literários nos moldes Românticos e Vitorianos.

Todorov (2010) afirma: “O fantástico é uma literatura onde todos os acontecimentos são ocorridos no mundo cotidiano, no mundo real, ou seja, no mundo dos humanos”. Sem diabos, sem vampiros, sem seres sobrenaturais ao qual é criado um acontecimento e somos transportados para o interior do fantástico (TODOROV, 2010, p. 30) e lá nos deparamos com situações fora do nosso cotidiano, cabendo a nós decidir se o fenômeno foi uma ilusão dos sentidos, ou se realmente o fato aconteceu.

O fantástico é um fenômeno que acontece fora do âmbito lúcido, ou seja, ocorre na incerteza se o fato aconteceu ou não (TODOROV, 2010). E, assim o leitor é bombardeado pela a ambiguidade que se mantém até o fim da aventura: realidade ou sonho? Verdade ou ilusão.

Segundo Vladimir Soloviov (1965) filósofo e místico russo, se baseando nas palavras de Tomachévski:

No verdadeiro fantástico, fica sempre preservada a possibilidade exterior e formal de uma explicação simples dos fenômenos, mas ao mesmo tempo esta explicação é completamente privada de probabilidade interna (apud TODOROV 2010, p. 31).

Nesse caso, esse fenômeno pode ser explicado de duas maneiras: natural ou sobrenatural, pois é exatamente essa interferência de situações sobrenaturais de mistério em um ambiente de um provável mundo real que desperta no leitor a dúvida sobre o fato que lhe é retratado.

Este gênero é marcado por situações inquietantes e interrogações que por sua vez podem vir a desconcertar toda a narrativa e fazer o leitor se questionar sobre a veracidade dos fatos. A literatura fantástica é rodeada por dois gêneros: *o estranho* e *o maravilhoso* que caminham lado a lado.

Assim:

Se ele decide que as leis da realidade permanecem intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra se liga ao: estranho. Se ao contrário, decide que se devem admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso (TODOROV, 2012, p. 48).

Essas duas subcategorias que se ligam ao fantástico são de fato semelhante, podendo confundir o leitor que não esteja atento às suas particularidades. Sobre isso, Todorov (2012) acrescenta: “Nem toda ficção, nem todo sentido literal está ligado ao fantástico; mas todo fantástico está ligado à ficção e ao sentido literal” (p. 83-84). Assim, o autor deixa bem claro a ligação do fantástico no que diz respeito aos demais gêneros que se assemelham a ele, quando ele afirma que todo o fantástico está ligado a ficção.

Por outro lado, algumas temáticas do fantástico estão muito próximas de uma característica do mundo da criança. Em equivalência, retomemos à Todorov (2012) quando esse aponta a participação do leitor na obra:

O fantástico dura somente o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e ao personagem, os quais devem decidir se aquilo que percebem faz parte ou não do campo da realidade existente para o senso – comum. Ao final da história o leitor, se não o personagem, toma, de qualquer forma, uma decisão, opta por uma ou outra solução e, portanto, desse modo, sai do território do fantástico. (...) (apud CESERANI (2006), p.48-49).

Contudo, pode-se afirmar que a presença da hesitação no texto fantástico faz-se necessário para fazer o leitor transgredir sua concepção a cerca do que ele tem como verdade. Entretanto, é importante também lembrar sobre a estrutura do fantástico: personalidades duplas, divididas, e personagens que não conhecem nenhum equilíbrio entre a mente e os sentidos e no qual são frequentemente atormentados por obsessões e situações nunca antes vividas.

Outro ponto que é importante ressaltar é a ausência de elementos cômicos em uma narrativa fantástica, na qual tem como objetivo fazer o leitor se indagar sobre a veracidade dos fatos, pois o cômico vem quebrar essa linha de pensamento tirando a atenção de quem ler a obra, uma vez que a narrativa

fantástica se passa em um mundo bem parecido com o nosso, e quando menos se espera somos transportados para uma esfera em que situações nunca vistas antes acontecem. E, é essa característica que se distingue o fantástico do maravilhoso, uma vez que o maravilhoso se passa em mundo lúdico, em que com o decorrer da história o leitor passa a achar tudo normal e tudo que venha acontecer passa ser natural e aceitável, já que o ambiente é imaginário.

O gênero fantástico é aquele que não funciona sem presença do sobrenatural, mas para acontecer é preciso ocorrer em um ambiente similar ao espaço habitado pelo leitor o qual esse espaço será invadido por um fenômeno que vem desorganizar, desnortear o leitor sobre toda a narrativa. A narrativa fantástica expõe o leitor à presença do sobrenatural como uma forma de fazê-lo perder a segurança do que ele (o leitor) tem como verdade.

Quando somos expostos à presença do sobrenatural em uma realidade comparada à nossa podemos classificar a narrativa como fantástica; em contrapartida, quando esses fatos acontecem em um ambiente fictício criado pelo autor, entramos em outro gênero chamado “maravilhoso”, onde para o leitor tudo é possível e considerado normal.

Porém, Roas (2014), em um dos seus trabalhos define a literatura maravilhosa e ressalta:

No conto de fadas, o “era uma vez” situa os elementos narrados fora de toda atualidade e impede qualquer assimilação realista. A fada, o elfo, o duende de conto de fadas se movem em um mundo diferente do nosso, paralelo ao nosso, o que impossibilita toda contaminação. Pelo contrário, o fantasma, a “coisa inominável”, o aparecido, o acontecimento anormal, insólito, impossível, o incerto, irrompem no universo familiar, estruturado, ordenado, hierarquizado, onde, até o momento da crise fantástica, toda falha, todo “deslizamento” pareciam impossíveis e inadmissíveis. (p. 33)

Assim ele explica que, dentro da literatura maravilhosa o sobrenatural é visto como natural, como explicável se torna natural dando lugar ao maravilhoso. Dessa maneira, a cada vez que nos distanciamos da realidade e nos confrontamos com o sinistro, temos uma visão diferenciada daquilo que antes podia ser considerado anormal, tornando-se naquele momento um

acontecimento possível. Assim, podemos ter uma visão geral da finalidade do fantástico, o qual obriga o leitor a questionar sua experiência da realidade e confrontá-la com a realidade dos personagens. Pois desta maneira, o leitor irá questionar sobre a verdade imposta e o sobrenatural capaz de romper com a realidade humana a qual foi sempre pregada.

A narrativa fantástica é um gênero que provem do realismo, o núcleo que compõe o fantástico participa da verossimilhança que é uma característica do realismo, na qual a presença do sobrenatural, marca a diferença entre o realista e o fantástico. Assim destaca Silhol (1990 apud ROAS), na literatura realista tomamos o verossímil como verdade; na literatura fantástica, é o impossível que se converte em verdade.

O fantástico costuma descrever a realidade de um personagem o mais próximo possível da realidade de quem vai ler a obra. Contudo, o efeito sobrenatural apresentado no fantástico é o fenômeno que é impossível de explicar, o qual supera os limites da linguagem é algo impensável, indescritível. Portanto com intuito de facilitar o entendimento faz-se necessário ressaltar que existem dois gêneros que circundam o fantástico são eles: o estranho e o maravilhoso.

Sobre isso, Todorov (2010) enfatiza:

O estranho realiza, como se vê, uma só das condições do fantástico: a descrição de certas reações, em particular do medo; está ligado unicamente aos sentimentos das personagens e não a um acontecimento material que desafie a razão (o maravilhoso, ao contrário se caracterizará pela existência exclusiva de fatos sobrenaturais, sem implicar a reação que provoquem nas personagens). (p. 53)

No texto fantástico não pode faltar à presença do elemento ameaçador aquele que vem romper com a vida passiva dos personagens. Com isso Roas (2014) cita Lovecraft (2007) que afirma: “Devemos considerar uma narração preternatural não pela intenção do autor, nem pela pura mecânica da trama, mas pelo nível emocional que ela alcança” (apud ROAS, 2014 p. 60). Desta maneira, Lovecraft explica o efeito produzido pela invasão do sobrenatural na vida cotidiana e com isso nos leva a questionar se o que acreditamos é pura imaginação ou pode chegar perto da verdade; e é justamente essa incerteza que nos leva a duvidar da nossa realidade e dessa maneira não temos outro sentimento a não ser o medo. Dessa maneira, Roas (2014) aponta:

O temor ou a inquietude que possa produzir, de acordo com a sensibilidade do leitor e seu grau de imersão suscitada pelo texto, é apenas uma consequência dessa irreducibilidade: é um sentimento derivado da incapacidade de conceber – aceitar- a coexistência do *possível* com o *impossível*, ou, o que é a mesma coisa, de admitir a ausência de explicação – natural ou sobrenatural codificada- para o acontecimento que se opõe a todas as formas de legalidade comunitariamente aceitas, que não se deixa reduzir a um grau mínimo do *possível* (chama-se milagre ou alucinação) (p.61).

Nas palavras de Roas, a presença do medo permite ao leitor distinguir a diferença entre a literatura fantástica e a literatura maravilhosa. Dessa forma, Todorov (2010), deduz que a literatura fantástica contemporânea está inserida na visão pós-moderna da realidade, segundo a qual o mundo é uma entidade indecifrável. Assim ele explica que fazemos parte de um mundo em que coisas esquisitas podem acontecer, mas não podem ser explicadas.

O fantástico é definido e pode ser diferenciado de outros gêneros não pela presença de seres sobrenaturais dentro da narrativa, mas pela inexplicabilidade dos fatos, pois desde os seus primórdios esse gênero mantém suas origens causando um constante combate no leitor entre: sonho ou realidade, verdade ou ilusão e, fazendo quem ler a obra refletir sobre a realidade dos fatos, repensarem sobre as leis que regem o mundo em que vivemos e questionar sobre a realidade em que acreditamos.

Diante do pensamento acima é importante ressaltar a importância da construção do mundo textual bem parecido com o nosso, como uma forma de mostrar que o mundo narrado é similar ao mundo real, no qual o leitor acompanha toda essa linearidade alterada pela presença do anormal, do sobrenatural que não predomina dentro do gênero.

Percorrendo o gênero fantástico, Roas (2014), nos chama a atenção para outro termo criado por Alazraki (2001, p.277), o *neofantástico*, no qual ele identifica como sendo uma nova forma de criar o fantástico no qual ele classifica como sendo “uma concepção inédita da realidade, segundo a qual à margem do racional existiria outra realidade que, em determinadas ocasiões, se imiscui no devir da primeira” (apud ROAS, 2014, p. 125)

Ademais, Roas (2014), também faz referência à definição citado por Cortázar (1995, p. 42) que afirma:

[...] o fantástico é a indicação súbita de que, à margem das leis aristotélicas e de nossa mente pensante, existem mecanismos perfeitamente válidos, vigentes, que nosso cérebro lógico não capta, mas que em alguns momentos irrompem e se deixam sentir (apud ROAS, 2014, p. 125).

Enfim, a intenção do texto fantástico é provocar a dúvida do leitor fazendo-o repensar sobre as leis que regem o universo, questionando sobre a veracidade dos fatos e tudo o que acontece ao seu redor, pois o fantástico toma como ponto de partida o que o leitor entende como real, ou seja, acontece em cima daquilo que (o leitor) acredita ser verossímil.

Esse gênero leva em consideração a presença do sobrenatural como uma forma de fazer o leitor transgredir na concepção do real, já que esse efeito está ligado a fenômenos impossíveis, experiência inacreditável, dessa maneira é importante ressaltar que tudo isso só é possível quando toda narrativa acontece em mundo parecido com o nosso, no qual nos questionamos se esse efeito sobrenatural seria possível acontecer na vida real.

Mas quando falamos do real pensamos em um referente no qual passamos a vida inteira a acreditar, na qual tudo se encontra em suas regularidades, na qual para ser real é preciso está inserido dentro de uma sociedade. Assim, afirma o escritor Alejandro Rossi (1997) sobre a definição da realidade:

Nossos movimentos habituais implicam, com efeito, determinadas convicções. Contamos com a existência do mundo externo quando sentamos numa cadeira, quando repousamos num colchão, quando bebemos um copo d'água. [...] Confiamos, além disso, que as coisas conservam suas propriedades. Não nos surpreendemos com o fato de que o quarto, na manhã seguinte, mantenha as mesmas dimensões, que as paredes não tenham caído, que o relógio atrase e o café seja amargo. Comprovar que a rua é idêntica produz uma alegria medíocre. A contemplação do mundo como um milagre permanente é um estado passageiro ou uma vocação religiosa. Todos somos um pouco nervosos, mas o terror de que o teto desabe ou de que o piso afunde não é contínuo; agradecemos pela vida, ainda que não todo dia e toda hora. A biologia fala sobre mutações genéticas e, no entanto, são poucas as pessoas que consideram uma vitória não terem se convertido,

durante a noite, num escaravelho ou numa lagarta.[...] (apud ROAS, 2014, p.132)

São essas regularidades que nos dão a certeza de um mundo real bem construído e a partir dessa concepção codificamos o possível e o impossível.

O objetivo maior do fantástico é justamente desestabilizar essa nossa certeza que temos do que é real fazendo que pensemos em tudo que acreditamos, como ressalta Campra (2001):

A noção de fronteira, de limite intransponível para o ser humano, se apresenta como preliminar ao fantástico, pois no que se refere ao fantástico essa situação inexplicável acontece justamente no meio entre realidade e transgressão de limite. (p.161)

A narrativa do fantástico é aquela que vem surpreender o leitor com a presença de acontecimentos fora do comum na qual vem romper com as expectativas do leitor e deixá-lo inquieto com esses acontecimentos. E isso nos mostra a fragilidade do conhecimento humano, na qual suas expectativas vão muito além das aparências. Ainda, Roas (2014), se baseando no que afirma Campra (2001), chama nossa atenção:

A natureza do fantástico [...] consiste em propor, de algum modo, um escândalo racional, na medida em que não há substituição de uma ordem por outra, e sim sobreposição. Daí nasce à conotação de peculiaridade, a função de aniquilação – ou fissuramento, pelo menos – das certezas do leitor. O mundo fantástico pode ser tudo, menos consolador. (apud ROAS, 2014, p 156)

Dessa maneira é importante ressaltar que para essa inquietude acontecer é preciso que atraia o leitor, deixar o leitor envolvido pela narrativa e surpreendê-lo com um fato inimaginável no qual vem deixar o leitor inquieto e confuso sobre tudo aquilo em que ele acredita e sobre as leis que regem o mundo real.

Assim, para fazer o leitor acreditar em uma história fantástica faz-se necessário reproduzir um ambiente o mais próximo possível da vida do leitor dessa maneira o impacto psicológico e o efeito ameaçador e de inquietude será bem maior no leitor.

No entanto com essa necessidade de fazer o fantástico o mais próximo possível do “realismo” marcou a evolução desse gênero, a fim de tornar cada vez mais realistas os acontecimentos e transmitir cada vez mais realidade em suas experiências. Com isso veio à dificuldade de seus adeptos em fazer histórias desse gênero por motivos de seus leitores com o passar do tempo se tornar mais cético, o que levou esse gênero a se aprofundar ainda mais na lucidez e loucura de seus autores.

Partindo da vontade do autor em construir um mundo o mais próximo possível ao do leitor, essa ideia parte de uma descrição realista e detalhada do mundo em que o leitor está inserido. Assim como destaca Roas (2014, p.170) “em muitas narrativas o fenômeno fantástico, impossível de explicar, supera os limites da linguagem: ele é por definição indescritível, por sem impensável”.

Contudo, Roas (2014, p.178) partindo dos estudos de alguns teóricos como Todorov (2010), Bessière, (2001) Campra (2001) entre outros, estabelece uma lista geral dos recursos linguísticos que auxiliam na criação do efeito fantástico.

- a) recursos relacionados diretamente com à instância narrativa: narração em primeira pessoa, identificação narrador-protagonista, vacilação ou ambiguidade interpretativa, parábese.
- b) recursos vinculados com aspectos sintáticos e de organização narrativa: temporalidade particular da enunciação, desenlace regressivo, ausência da causalidade e finalidade, usos de *mise em abîme*, metalepse metafórica.
- c) recursos vinculados com aspectos discursivos ou de nível verbal: literalização do sentido figurado, adjetivação conotada, nivelção narrativa do natural e do sobrenatural, evasão de termos designativos, antropomorfização de sinédoque.

Com isso é importante ressaltar que na literatura fantástica não existe uma linguagem própria, mas é o modo como se utiliza a linguagem que gera um efeito fantástico. Desta forma podemos concluir que o fantástico vai muito além da representação de um mundo, mas leva em consideração à escrita.

Baseado no que foi dito anteriormente Campra (1985), em seu artigo ressaltar a mudança do gênero do fantástico do século XIX e apresenta uma distinção entre: *o fantástico como fenômeno da percepção* e *o fantástico como fenômeno de linguagem*. Portanto ela afirma, *o fantástico como fenômeno da*

percepção é aquela literatura clássica que aborda assuntos já conhecidos como: vampiros, fantasmas, o duplo etc e é um gênero próprio do século XIX. Já no que diz respeito ao *fantástico como fenômeno de linguagem* é uma literatura que propriamente dita como pertencente do século XX, assim ela afirma:

[...] a literatura fantástica atual deslocou seu eixo para outro nível: esgotada ou pelo menos desgastada a capacidade de escândalo dos temas fantásticos, a infração se expressa por certo tipo de rupturas na organização dos conteúdos – não necessariamente fantásticos -; isto é, no nível sintático. Já não é tanto a aparição dos fantasmas o que conta para definir um texto como fantástico, mas sim a falta irresolúvel de nexos entre os elementos distantes do real. (apud ROAS, 2014, p.181)

Enfim, a literatura do século XIX não se situa apenas na problematização, mas apela para um evento extraordinário que fuja da nossa concepção sobre o real, no qual funciona como pano de fundo de uma experiência sobrenatural. A partir daí, levamos em consideração que a literatura fantástica traz à tona problemas estabelecidos entre a linguagem e a realidade, na qual tenta superar a realidade e ir além da linguagem. No entanto para o leitor precisa compreender o real ao qual está inserido para entender o que é expresso.

Portanto, o mundo do fantástico sempre será o mundo real no qual estamos inseridos. A ideia que temos de realidade sempre será usada como ponto de confrontação capaz de persuadir qualquer pessoa que venha ler a obra, como forma de questionar sobre o que o leitor acredita como verdade absoluta.

CAPÍTULO II: UMA LEITURA DOS ELEMENTOS DO FANTÁSTICO EM “ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO”

Em 1871 foi publicado o romance *Alice Através do Espelho e o que ela encontrou por lá*, escrito pelo matemático e romancista Lewis Carroll. O enredo

inicia com Alice sentada em um sofá observando sua gata Dinah, dando banho em seu filhotinho ao mesmo tempo em que dava sermões em outro filhote devido à bagunça que este vinha fazendo. De repente, Alice se põe a imaginar como seria a sala que ela observa através do espelho, quando repentinamente Alice se encontra do lado oposto. Ao chegar lá sua primeira curiosidade é saber se há fogo na lareira, ao se certificar que sim, sua curiosidade aumenta e ela almeja descobrir tudo que existe naquele lugar. Ao caminhar, desatenta, Alice acaba caindo em um enorme tabuleiro de xadrez, no qual se depara com a presença da Rainha Vermelha e seu marido. A partir daí dar-se início as Aventuras de Alice.

Durante toda a história, Alice reencontra seus amigos, entre eles os gêmeos Tweedledum e Tweedledee, a Rainha Vermelha e a cada passo, cada jogada, Alice se depara com situações bizarras e novos amigos como: o Bandersmatch, o Rei Branco, Jubjubird, o Carpinteiro e a Morsa. Alice agora está com sete¹ anos de idade, no entanto mais madura e pronta para vivenciar aventuras incríveis com seus amigos.

Faz-se necessário ficarmos atentos a cada jogada feita durante o jogo de xadrez, para assim não perdermos o foco da história, pois cada movimento nas peças é feita de forma proposital. O jogo é acompanhado e vivenciado por Alice na qual tenta a todo custo se tornar rainha. No entanto, o enorme tabuleiro é preciso ser percorrido a bordo de um trem, com paradas estratégicas, como é o caso de Alice, que sonha em se tornar uma rainha.

Durante todo o romance é possível percebermos a presença do fantástico, com a presença de acontecimentos que fogem do nosso cotidiano, criaturas bizarras, diálogos confusos sem coerência. Dessa maneira, Roas (2014) ressalta: não existe uma linguagem própria, mas é o modo de utilizar a linguagem que gera um efeito fantástico. (p.179).

Contundo, é importante ressaltar que todo o romance é escrito de maneira que nos chama a atenção pelo diálogo entre os personagens, como os problemas são resolvidos de forma controversia, uma característica bem particular do escritor Carroll que sempre fez uso de anedotas, trocadilhos e

¹ A idade de Alice apresentada em seu romance o número sete representa a perfeição, assim como os sete dias da semana, as pétalas de rosas, as cores do arco-íris e por ser interpretado como o fim de um ciclo e início de um novo como Chevalier (2010) afirma.

constrói seus personagens com personalidades bem parecidas com pessoas daquela época, com o intuito de relatar a vida dos ingleses naquele período.

Levando em conta essas e outras particularidades do romance, discutiremos agora com essa narrativa pode nos oferecer uma leitura com a partir das perspectivas que apontamos sobre o fantástico no primeiro capítulo, e outras mais que serão discutidas nesse segundo capítulo.

Nesse sentido, Remo Ceserani (2006) justifica as temáticas apresentadas no romance *Alice Através do Espelho* e destaca elementos específicos e distintos que descrevem o gênero em estudo possibilitando ao leitor novas possibilidades de produzir. Segundo esse autor, os procedimentos da narrativa fantástica dividem-se em duas categorias sendo elas: retóricas e temáticas os quais por sua vez subdividem-se em outras categorias. A seguir faremos uma explanação a cerca dessas categorias e sua ligação com o romance.

- 1) *Envolvimento do leitor: surpresa, terror, humor.* Segundo o que afirma Ceserani (2006), a narrativa fantástica envolve fortemente o leitor, leva-o para dentro de um mundo a ele familiar, aceitável, pacífico, para depois fazer disparar os mecanismos da surpresa, da desorientação, do medo: possivelmente, um medo percebido fisicamente, como ocorre em textos pertencentes a outros gêneros e modalidades, que são exclusivamente programados para suscitar no leitor longos arrepios na espinha, contrações, suores.

Um trecho que pode reforçar a definição de Ceserani (2006), encontra-se no capítulo 3 *Insetos no Espelho*. Acompanhemos o diálogo:

[...] “Insetos não me agradam”, Alice explicou, “porque tenho bastante medo deles...pelo menos dos grandes. Mas posso lhe dizer os nomes de alguns.” [...] “Bem tem a mosca”, Alice começou, contando os nomes nos dedos . “Certo”, disse o mosquito, “no meio daquele arbusto ali você vai ver uma ‘moscavalo’, se olhar bem”. [...] “Há também a libélula-de-Natal. Seu corpo é de pudim de passas, as asas de azevinho e a cabeça é uma passa flambada ao conhaque. (p.141-142).

Levando em consideração a definição de Ceserani sobre a temática acima é possível observarmos que de fato o fantástico é capaz de despertar no leitor as mais diversas sensações, assim percebermos dentro do romance de Alice,

quando a mesma se encontra cercada por situações que não podem ser explicadas racionalmente. Segundo Roas (2014) o gênero fantástico é precisamente, desestabilizar [os] limites, questionar a validade dos sistemas de percepção do real que todos compartilhamos. (p.18). Portanto levando em conta o romance, observamos que ele é de fato construído para envolver o leitor e fazê-lo embarcar por um universo fantástico capaz de despertar as mais diversas sensações.

- 2) *Passagem de limite e de fronteira*. É a passagem da dimensão do cotidiano, do familiar e do costumeiro para a do inexplicável e do perturbador: passagem de limite, por exemplo, da dimensão da realidade para a do sonho, do pesadelo, ou da loucura.

Para ilustrar esse aspecto, apontamos um exemplo bastante significativo no romance, quando Alice atravessa o espelho:

“Oh, Kitty, como seria bom se pudéssemos atravessar para a Casa do Espelho! (...) Vamos fazer de conta que é possível atravessar para lá de alguma maneira, Kitty. Vamos fazer de conta que o espelho ficou todo macio, como gaze, para podermos atravessá-lo Ora veja, ele está virando uma espécie de bruma agora, está sim! Vai ser bem fácil atravessar...” Estava de pé sobre o console da lareira enquanto dizia isso, embora não tivesse a menor ideia de como fora parar lá”. (CARROLL, 2013, p. 119-120).

Esse elemento está presente em todo o enredo do romance no qual a todo instante Alice é transportada de um lugar para outro, tendo início pela sua chegada ao País dos Espelhos e quando por diversas como num piscar de olhos sempre está em um lugar diferente.

Ainda, segundo Ceserani (2006), o fantástico é um gênero que consegue abraçar o leitor, criando um ambiente similar ao seu, para só depois lançar e despertar em que lê o sentimento de surpresa, de dúvida, e até mesmo levantar questionamentos.

- 3) *O objeto mediador*. é o objeto que, com sua concreta inserção no texto, se torna o testemunho inequívoco do fato de que o personagem – protagonista efetivamente realizou uma viagem, entrou em outra dimensão de realidade e daquele mundo trouxe o objeto consigo. Um

exemplo claro e de relevância se encontra no capítulo 5, “Lã e água” quando a personagem de Alice de repente se vê em uma loja com uma ovelha que estava sentada atrás do balcão:

[...] Após uma longa conversa a Ovelha pergunta:
 “Sabe remar?” a Ovelha perguntou, estendendo-lhe um par de agulhas de tricô enquanto falava.
 “Sei, um pouco... mas não no seco... e não com agulhas...”
 Alice estava começando a dizer, quando, de repente, as agulhas viraram remos em suas mãos e ela descobriu que estavam num barquinho, deslizando entre ribanceiras – de modo que só lhe restava remar o melhor que podia. (CARROL, 2013, p. 168).

De fato é possível notarmos a presença do objeto mediador dentro do enredo de Alice, principalmente com o trecho citado acima no qual a personagem é surpreendida com sua passagem de um ambiente para outro de forma inesperada e súbita.

O outro procedimento a que R. Ceserani (2006) faz menção é sobre os *sistemas temáticos* que são praticados e recorrentes pela literatura fantástica. Esses procedimentos também podem ser encontrados no romance.

- 1) *A loucura*: esse tema tá ligado aos problemas mentais da percepção. No qual o tema parece assumir um aspecto diverso no imaginário fantástico. Para exemplificar, tomemos como exemplo um trecho extraído do romance de Carroll (2013), no capítulo 7 “O Leão e o Unicórnio”:

Alice se sentara à margem de um riachinho, com o grande prato sobre os joelhos, e serrava diligentemente com a faca. “Isso é muito irritante!” disse, em resposta ao Leão (estava ficando perfeitamente acostumada a ser chamada de “o Monstro”). “Já cortei várias fatias, mas elas sempre se juntam de novo!”
 “Você não sabe lidar com bolos do Espelho”, observou o Unicórnio. “Primeiro sirva-o e depois corte-o.” (p. 192)

Com o trecho citado acima temos um exemplo relevante no que se refere ao termo loucura, quando Alice tenta a todo custo partir o bolo, assim é chamada atenção pelo o Unicórnio que lhe explica como as coisas são realizadas no mundo do espelho, como de fato as coisas por lá são resolvidas de maneira invertida.

Desta forma torna-se mais perceptível discutirmos a ideia que o autor defende ao apontar da loucura inserida dentro da narrativa capaz de fazer o

leitor assumir seu posicionamento no âmbito fantástico, experimentar de situações inquietantes e sem sentido.

- 2) *O duplo*. Segundo Ceserani (2006) o tema é fortemente ligado ao desdobramento, gêmeos e sócias a duplicidade de cada personalidade ligado à vida da consciência, das fixações e projeções.

Estavam de pé sob uma árvore, um abraçando o pescoço do outro, e Alice soube no mesmo instante qual era qual porque um deles tinha “DUM” bordado na gola e o outro, “DEE”. “Imagino que ambos têm ‘TWEEDLE’ escrito na parte de trás da gola”, disse para si mesma.[...] “Sei no que está pensando”, disse Tweedledum; “mas não é isso, de maneira alguma.” “Ao contrário, continuou Tweedledee, “se era assim, podia ser; e se fosse assim, seria; mas como não é, não é. Isto é lógico” p. 148

Os gêmeos do romance são exemplos desse elemento, no qual representam essa ideia da refração de imagens, sendo entendido como a duplicação. No entanto, deixa claro que apesar de serem bem parecidos cada um possui sua personalidade. Ademais, pode ser interpretado pela dupla personalidade.

- 3) *Aparição do estranho, do monstruoso, do irreconhecível*. A cena da aparição repentina e inesperada de um estrangeiro no espaço doméstico. Como exemplo podemos citar outro trecho do livro de Carroll quando Alice se depara com Humpty Dumpty sentado em cima de um muro alto:

“O ovo, porém, foi só ficando cada vez maior, e cada vez mais humano. Quando chegou a alguns metros dele, Alice viu que tinha olhos, nariz e boca. [...] Parece um ovo sem tirar nem pôr!” disse alto, com as mãos prontas para segurá-lo pois temia que caísse a qualquer momento. (p.172).

Dessa maneira observamos a surpresa de Alice diante de algo irreconhecível, diante de uma aparição totalmente inesperada que acontece em um meio até então considerado familiar por nossa personagem. Assim Roas (2014) afirma: a literatura fantástica é o único gênero literário que não pode funcionar sem a presença do sobrenatural (p. 31). Portanto é a presença do

sobrenatural que desperta aspectos inquietantes e de perturbação. Voltemos a outro procedimento temático do fantástico a partir de Ceserani (2006):

- 4) *O Eros e as frustrações do amor romântico*. Diante desse sistema Ceserani (2006) aborda dois elementos: o **amor-paixão** que é um modelo cultural que sempre esteve presente – ao lado do amor-prazer (ou amor libertino), e o **amor romântico**, que é uma força arrebatadora e imperiosa que não aceita compromissos. Em *AAE*, temos o amor do cavaleiro branco que se mostra sempre muito cuidadoso e atencioso com Alice, a qual percebe ser muito bem protegida e defendida por ele. Acompanhemos o trecho abaixo:

“De todas as coisas estranhas que Alice viu em sua viagem através do Espelho, esta foi a de que sempre se lembraria mais nitidamente. Anos depois seria capaz de evocar toda a cena, como se tivesse acontecido na véspera: os meigos olhos azuis e o sorriso gentil do Cavaleiro... a luz do poente cintilando através do cabelo dele, e iluminando- lhe a armadura num esplendor de luz que a deixava inteiramente ofuscada...o cavalo andando calmamente em volta, com as rédeas pendendo soltas no pescoço, mordiscando o capim a seus pés... e as sombras negras do bosque ao fundo...Tudo isso ela absorveu como um quadro, quando, com uma mão protegendo os olhos, encostou-se numa árvore, observando o estranho par e ouvindo, como num sonho, a música triste da canção”. (p.203)

Contudo, é possível perceber a presença desse tema dentro do romance no qual o personagem do Cavaleiro Branco se mostra bastante preocupado em proteger, cuidar e levar Alice em segurança até o seu destino final.

Ademais, em todo o romance Carroll deixa claro sua forma de escrita, um romance permeado de anedotas, controvérsias e situações inimagináveis, pois lá Alice se depara com flores que falam e caminhos que só são traçados pelo lado oposto. Assim, como podemos observar no trecho a seguir retirado da própria obra:

“Ó Lírio-tigre! Chamou Alice, dirigindo-se a um que ondulava graciosamente ao vento, “gostaria que pudesse falar!”
 “Pois podemos”, falou o Lírio tigre, “quando há alguém com quem valha a pena conversar.” (CARROLL, 2013 p. 128)

A partir deste fragmento podemos perceber a presença do fantástico existente em toda a obra, o qual acontece em um meio familiar, ou seja, no âmbito real, no qual supostamente as ações parecem ocorrer normalmente, quando de repente algo inexplicável e extraordinário acontece, rompendo a estabilidade deste mundo ao qual se tem como real e questiona os personagens com o impasse da razão.

No gênero fantástico, os personagens aos olhos do narrador, estão sempre oscilando entre uma explicação racional e lógica para os acontecimentos extranaturais.

Desta maneira, Todorov (2010) ressalta que é exatamente essa oscilação entre o real e o inimaginável, entre uma explicação lógica e racional para os acontecimentos extranaturais, que os inscreve num rol de justificativas conforme as leis naturais como o elemento definidor do fantástico.

Por outro lado, o romance em estudo pode ser discutido como uma história que “camufla” a vida dos ingleses na Era Vitoriana, numa época em que se pregava o puritanismo, quando o homem era visto como o ser forte, dono do poder e sabedoria e a mulher, submissa ao seu esposo, tendo apenas que cuidar dos filhos e da casa, proibida socialmente e moralmente de adentrar em questões políticas ou em quaisquer outros assuntos que fugissem do seu âmbito familiar.

Como forma de representar essa época podemos citar como exemplo a ***angel of the house*** – No qual ficou bastante conhecido pela maneira como as mulheres eram vistas e tratadas no período Vitoriano. Para ser um modelo de mulher daquela época não bastava ser inocente e delicada. Era preciso ser discreta, religiosa, caridosa, mostrar suas qualidades tanto na cozinha quanto no cuidado com a casa e acima de tudo ser capaz de educar seus filhos. Esse período também ficou marcado por famílias enormes, com vários filhos o que fez com que os níveis de mortalidade infantil diminuíssem período esse que também ficou marcado pela saída das famílias do campo para cidade como uma forma de manter e cuidar de suas famílias. Para o homem, o patriarca da casa era preciso trabalhar fora, muitas vezes em outra cidade para manter suas enormes famílias, desta maneira fazia-se necessário dividir a sua autoridade, com aquela a qual se dedicava diariamente aos cuidados domésticos.

*Alice*² foi escrito em uma época de transição social na qual a Inglaterra passava por um momento conturbado, na economia, na igreja e na política. Foi a partir desse momento quando a Rainha Vitória assumiu a coroa que as coisas começaram a mudar. Desta forma, o período Vitoriano ficou marcado pelo grande desenvolvimento econômico da classe burguesa, favorecendo apenas uma pequena parte da população. No entanto, a partir desse momento a Inglaterra se transformou numa grande potência mundial na qual com o enriquecimento de uma minoria da população, a classe trabalhadora passou a ser explorada cada vez mais.

Contudo, o período vitoriano ficou marcado também pela rigidez das normas moralistas que a Rainha Vitória governava a Inglaterra e Carroll, de forma sutil e pretenciosa, traz à tona alguns problemas e situações vividas pelos ingleses naquela época como, por exemplo, o autoritarismo.

Dessa forma, há quem afirme que *Alice* fuja dos padrões da literatura feita naquela época, pelo fato da obra não ter um caráter moralizante, religioso ou pedagógico. Podemos perceber isso, neste fragmento:

Quando precisavam de conselhos, recorriam à literatura; quando queriam distrair-se, recorriam à literatura: quando queriam até mesmo reforçar seu dogmatismo peculiar, também recorriam à literatura. Não há como pensar a Era Vitoriana sem a associarmos aos seus grandes escritos e escritores, sem vincularmos a esse período uma literatura de tão extremado valor estético e social (MORAIS, 2004, p. 36).

Assim, fica claro que a literatura na Era Vitoriana era vista como algo de suma importância para a educação das crianças. Além do mais, era através da arte literária que os adultos recorriam quando queriam repostas para determinados assuntos.

Voltando a nossa atenção para o romance em estudo *AAE*, a nossa protagonista (Alice) ao voltar seu olhar sobre a terra percebe que ela tem o formato de um jogo de xadrez. Sempre muito curiosa e esperta, a menina questiona a Rainha Vermelha sobre sua participação no jogo, a qual escuta a seguinte resposta:

² Por vezes, devido à extensão, utilizaremos também essa abreviação para nos referir ao título do romance *Alice através do Espelho* e o que ela encontrou por lá, assim como *AAE*.

"Você pode ser o peão da Rainha Branca já que a Lily é jovem demais para brincar, e você começará no Segundo Quadrado e quando chegar ao oitavo quadrado você será uma rainha." (CARROLL, 2013, p. 133)

Com a citação acima é possível ressaltar o tema da vida como um jogo de xadrez que aparece diversas vezes na literatura e na filosofia especialmente em relação ao problema do determinismo³, como forma de questionar até que ponto os seres humanos são livres para agir e até que ponto as suas ações são determinadas por forças fora do controle deles.

Desta maneira, evidenciamos o legado deslumbrante que Carroll nos deixou com sua forma de escrever que reúne modos de ver "trilhas indiretas para alcançar caminhos contrários", como podemos perceber no seguinte trecho:

Eu veria o jardim muito melhor, disse Alice para si mesma, "se pudesse chegar ao topo daquele morro, e cá está uma trilha que leva direto para lá... pelo menos – não, não tão direto..." (depois de seguir a trilha por alguns metros e dar várias viradas bruscas) "mas suponho que por fim chega lá. É interessante como se enrosca! Mais parece um saca-rolha que um caminho! Bem esta volta vai dar no morro, suponho... não vai! Vai dar direto na casa de novo! Bem, neste caso vou tentar na direção contrária"(CARROLL, 2013, p. 127).

Contudo faz-se importante ressaltar a importância do romance de Carroll no qual podemos observar a presença de objetos e situações que não fazem sentido.

A personagem Alice foge desse padrão de comportamento infantil vitoriano. Ela se aventura, procura se divertir busca o diferente e o prazer que essa experiência poderia trazer para ela, sem pensar nas consequências ou na punição que isto poderia lhe acarretar. Ela não é uma personagem infantil que segue e/ou prega um modelo específico de comportamento – ela é, ao contrário, para os padrões vitorianos, ousada, porque não se preocupa com as

³ O termo determinismo surgiu a partir do verbo "determinar", que vem do latim *determinar* e que, literalmente, significa "não - terminar" ou "não - limitar". Resumidamente, o determinismo é uma corrente de pensamento que defende a ideia de que as decisões e escolhas humanas não acontecem de acordo com um livre-arbítrio, mas sim através de relações de casualidade.

consequências de seus atos. Ela subverte, portanto, o paradigma de comportamento esperado pela sociedade vitoriana das crianças e dos adultos, na medida em que as crianças eram vistas como “mini adultos”.

Nesse período, as crianças eram vistas como seres capazes de pensar, de tomar decisões. No entanto, esse cenário começa a mudar quando a sociedade começa a perceber e aceitar que as crianças não poderiam ser tratadas como adultos. Todo esse pensamento começa a mudar no século XVII, de maneira lenta e gradual, de forma que os adultos passaram a acreditar na inocência e pureza das crianças.

Dessa maneira, podemos ressaltar a importância dos romances de Carroll, que nos apresenta de forma fantasiosa como as crianças eram vistas pela sociedade naquela época. E assim, apresenta uma Alice corajosa, curiosa e sempre pronta para embarcar em novas aventuras.

As atordoantes mudanças de tamanho que Alice experimenta no primeiro livro são substituídas por mudanças radicais de lugar, agora ocasionados, pelos movimentos das peças de xadrez pelo tabuleiro. E a cada jogada, percebemos uma nova aventura.

Outra personagem que também chama atenção no romance é a Rainha Vermelha que é um marco desde o primeiro romance *Alice no País das Maravilhas*, na qual ficou bastante conhecida com sua frase célebre: “Cortem-lhe as cabeças”. A Rainha de Copas é uma figura extremamente mimada, mandona e emocional, não tem muita paciência e se irrita facilmente. Mas, mesmo declarando centenas de vezes por dia sentenças de morte, poucas são as criaturas que aparecem realmente decapitadas durante o romance. A Rainha é casada com o Rei de Copas que, de forma sutil e sem ela perceber, perdoa vários condenados quando ela não está por perto. Ademais, muitas das ordens dadas pela Rainha de Copas não são cumpridas pelos seus servos, embora todas as criaturas do País das Maravilhas a temam.

Por ser [ela] a criatura que dita às normas e as leis do lugar, ela sempre obriga a todos a jogar seu jogo favorito *Críquete*⁴. Contudo, a personagem da

⁴ É um esporte criado no sul da Inglaterra durante o século XVI, o mesmo foi inspirado em outro esporte o stoolball. O críquete assim escrito na língua portuguesa utiliza bolas e tacos, sendo um esporte adotado pela nobreza no século XVI.

Rainha de Copas faz alusão à forma autoritária na qual a Rainha Vitória governava a Inglaterra.

Entretanto, os personagens dos gêmeos Tweedledee e Tweedledum são atrapalhados e contraditórios e representam a criança interior incompreendida, no qual vivem em tamanho conflito com o que deve permanecer ou extinguir. Podemos perceber essa confusão a partir desse trecho:

“Sei no que está pensando”, disse Tweedledum; “mas não é isso, de maneira alguma.”

“Ao contrário” continuou Tweedledee, “se era assim, podia ser; e se fosse assim, seria; mas como não é, não é. Isto é lógico.”(CARROLL, 2013, p. 148)

O trecho acima apresenta um diálogo simples entre os irmãos e Alice, a qual tenta descobrir qual caminho seguir para sair do bosque. Com clareza, percebe-se a forma atrapalhada e sem muito raciocínio com a qual os irmãos tentam responder uma simples pergunta. O que acaba por confundir ainda mais a cabeça de Alice.

O enredo de *Alice Através do Espelho* é rico em acontecimentos que fogem do cotidiano. Analisemos o País das Maravilhas: Lá, a ordem natural das coisas é totalmente diferente da nossa. Tudo o que no nosso mundo - o mundo 'original' de Alice - faz sentido e é considerado correto, no País dos Espelhos é tomado como algo improvável e vice-versa. Lá, tudo é imposto sem explicações lógicas, tudo é realizado numa alusão de sentidos, com comparações muitas vezes bizarras.

No País do Espelho tudo é possível, o que leva Alice a questionar seu próprio mundo, principalmente os hábitos da época. Essa é uma característica marcante do britânico Carroll: o questionamento do realismo vitoriano, das regras e costumes da época por meio de elementos *nonsense* presentes na representação linguística, rompendo com o equilíbrio real ao satirizar o absurdo das normas e valores absolutos que regiam a vida do homem vitoriano.

Desta forma, o fantástico pode ser percebido durante toda a narrativa, no qual coloca sempre em questão a veracidade dos fatos e fazendo o leitor, e até mesmo o personagem, duvidar sobre a veracidade dos mesmos, como no seguinte trecho, que leva Alice a duvidar da sua própria identidade: “Eu sou

real!”, disse Alice e começou a chorar. “Não vai ficar nem um pingo mais real chorando”, observou Tweedledee (CARROLL, 2013, p.156).

Desta maneira fica evidente a incerteza criada por um dos irmãos ao qual provoca a dúvida na cabeça de Alice, sobre a sua existência e sua real identidade. O que faz com que até mesmo o leitor venha se questionar sobre a realidade da personagem. É justamente neste momento que se coloca em dúvida a opinião do leitor acerca da situação e só restam a ele duas opções: ou tal acontecimento é fruto da nossa imaginação, uma ilusão dos nossos sentidos, ou o acontecimento integra a nossa realidade, contudo esta é regida por leis que ignoramos.

Voltemos ao pensamento de Todorov (2010), quando afirma que para existir de fato o gênero fantástico dentro da narrativa é preciso existir a hesitação. Termo que o mesmo distingue como sendo primordial:

A hesitação do leitor é, pois, a primeira condição do fantástico. [...] será necessário que a hesitação seja representada no interior da obra? A maior parte da obra que preenchem a primeira condição satisfaz igualmente à segunda; [...] (TODOROV, 2010 p.37)

Portanto, Todorov deixa em evidência com a citação acima a importância da hesitação dentro do texto fantástico como forma do leitor se questionar sobre a veracidade dos acontecimentos, fazendo-o pensar se aquele fato seria possível acontecer em nossa realidade, em nosso mundo.

Contrário ao pensamento de Todorov, Furtado (1980) no livro *A construção do fantástico na narrativa*, afirma que o termo hesitação não é o ponto primordial para o fantástico e ressalta:

Longe de ser o traço distintivo do fantástico, a hesitação do destinatário intratextual da narrativa não passa de um mero reflexo dele, constituindo apenas mais uma das formas de comunicar ao leitor a irresolução face aos acontecimentos e figuras enfocados. Por isso mesmo, como todas as outras características do gênero [...], a função do narratário terá de subordinar-se, servindo-a, à ambiguidade fundamental que o texto deve veicular. (FURTADO, 1980, p. 40-1)

Porém, Todorov (2010), explica que uma das condições para o fantástico existir é o fato de ele induzir “o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados” (p. 39). Ou seja, o autor deixa claro que o gênero discutido é aquele ao qual de forma inesperada e inusitada causa uma hesitação ou até por que não dizer certo receio do que virá a seguir.

Desta maneira, Roas (2014) percebe que Todorov (2010), considera a existência da hesitação entre personagem e narrador, no entanto diverge do pensamento todoroviano quanto à ideia de hesitação ser o traço primordial para a existência do fantástico. Ainda assim, mais uma vez reforça sua ideia sobre a hesitação e afirma: “O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento aparentemente sobrenatural.” (TODOROV, 2004, p. 31). Quando o leitor é exposto a esta hesitação, ele [o leitor] duvida até mesmo das leis que regem seu mundo, o mundo real em que ele vive, se perguntando como tal fato seria possível. Contudo, tanto Furtado quanto Roas defendem a ideia de que para uma narrativa ser definida como fantástica ela deve apresentar sua própria conjuntura sobrenatural.

No que diz respeito ao *nonsense*⁵ no romance, objeto de nossa pesquisa, a certo ponto existe uma inversão sanidade-insanidade, no qual o mundo comum é virado de cabeça para baixo e de trás para frente, tornando-se um mundo em que as coisas tomam todos os rumos menos esperados.

No que se refere ao termo de inversão vivido por Alice em suas aventuras no País do espelho, pode-se destacar várias situações vividas por ela para conseguir chegar ou alcançar algo necessário no qual era preciso fazer tudo ao contrário, ou seja, se quisesse subir teria que descer para chegar ao caminho necessário ou até mesmo inversão de dias e pensamentos, como vemos no seguinte trecho, quando a personagem imagina a sala que consegue observar através do espelho:

⁵ PALO, (2014) em seu artigo: *A palavra e o imaginário em Alice Através do Espelho*, de Lewis Carroll ressalta que a palavra nonsensical, na ficção carrolliana, revela-se, pois, como um privilégio linguístico, por fazer o contraste da referência com seus modos denotativos, e transferir ao novo referente, em ato da expressão, a capacidade de simbolizar.

[...] Primeiro, há a sala que você pode ver através do espelho, só que as coisas trocam de lado. Posso ver a sala toda quando subo numa cadeira... fora o pedacinho atrás da lareira. Oh! Gostaria tanto de poder ver esse pedacinho! Gostaria tanto de saber se eles têm um fogo aceso no inverno. (...) Agora, os livros são mais ou menos como os nossos, só que as palavras estão ao contrário; sei porque segurei um dos nossos livros diante do espelho e eles seguraram uma na outra sala.” (CARROLL, 2013, p.119)

Assim, podemos perceber a presença do inverso por toda a narrativa, como por exemplo: a alusão ao fato de que as direções para frente e para trás são invertidas por um espelho, pois quando se caminha em direção a ele, a imagem se move na direção oposta.

O tema da reflexão ou a troca da inversão assimétrica toma conta de todo o romance podendo ser analisado durante toda a aventura de Alice no País dos Espelhos onde temos inversões de esquerda-direita, rápido-devagar. Desse modo podemos citar outro exemplo bem claro dessa inversão presente na obra Carroll (2013).

Cada capítulo é marcado por sua peculiaridade e a presença do fantástico. Como, por exemplo, o capítulo III em que Alice chega ao bosque em que as coisas não têm nome e isso a deixa completamente atordoada, levando-a questionar como isso poderia ser possível. Acompanhemos o diálogo de Alice, no capítulo 3 – Insetos do Espelho:

“Insetos não me agradam”, Alice explicou, “porque tenho bastante medo deles... pelo menos dos grandes. Mas posso lhe dizer os nomes de alguns.”

“Claro que eles atendem pelo nome, não é?” o Mosquito comentou irrefletidamente.

“Nunca soube que o fizessem.”

“De que serve terem nomes”, disse o Mosquito, “se não atendem por eles?”

“Não serve de nada para eles”, disse Alice, “mas é útil para as pessoas que lhes dão nomes, suponho. Senão, para que afinal as coisas têm nome?”

“Isso eu não sei”, respondeu o Mosquito. “Lá longe, no bosque, elas não têm nome nenhum... seja como for, diga lá sua lista de insetos – está perdendo tempo.” (CARROLL, 2013, p.141)

Desta maneira, o trecho acima nos chama atenção pela observação feita por Alice com sabedoria pragmática⁶ quanto à importância das coisas possuírem nomes, na qual Alice responde com sabedoria – isso “é útil para as pessoas que lhes dão nomes” Com isso desperta em nós o seguinte pensamento: de que não há conexão alguma entre as coisas e seus nomes, exceto para uma mente que considera os rótulos úteis.

Não podemos esquecer-nos de citar o Cavaleiro Branco, o qual de todos os personagens que Alice encontra em suas duas aventuras, somente o Cavaleiro Branco parece gostar genuinamente da pequena Alice e lhe oferece ajuda especial. Este é o único a lhe falar e tratar com respeito e cortesia.

O fantástico se faz presente em boa parte do romance *AAE*, na qual a narrativa nos deixa confuso, ou melhor, causa-nos a hesitação acerca de tudo que acontece no País do Espelho, através da regressão ao infinito que está envolvida entre os sonhos paralelos de Alice e do Rei Vermelho, com quem Alice sonha, e ele simultaneamente sonha com Alice, que está sonhando com ele (o Rei), e assim por diante como dois espelhos que se defrontam.

A presença do fantástico é muito forte durante toda a narrativa de *AAE*, com a presença de fatos impossíveis de acontecer no nosso mundo real, no mundo cotidiano e normal aos humanos, pois como seria possível, duas pessoas sonharem ao mesmo um sonhando com o outro, ou até mesmo um invadindo o sonho do outro e quando se dá conta os dois estão sonhando a mesma coisa?

Ademais, há uma explicação lógica para o Rei Vermelho dormir durante praticamente toda a narrativa, até que no final do capítulo 9, Alice finalmente se torna Rainha e lhe dá xeque-mate quando captura a Rainha Vermelha. Desta forma, Carroll faz referência a um torneio de xadrez no qual se joga de tal modo que o rei permanece em sua casa inicial durante todo o jogo.

Dessa forma, identificamos a presença do fantástico todoroviano em *Alice através do Espelho*. Com a presença de inúmeras experiências vividas

⁶ **Pragmática** é a o ramo da linguística que estuda a linguagem no contexto de seu uso na comunicação. A pragmática, portanto, estuda os significados linguísticos determinados não exclusivamente pela semântica proposicional ou frásica, mas aqueles que se deduzem a partir de um contexto extralinguístico: discursivo, situacional, etc.

por Alice, de situações absurdas e até mesmo cômicas a qual Alice foi exposta. Como exemplos têm outro fragmento do romance:

[...] “Estou muito satisfeita de estar aqui... só que estou com tanto calor e com tanta sede!”
 “Sei do que você gostaria!” disse a Rainha bondosamente, tirando uma caixinha do bolso. “Aceita um biscoito?”
 [...] “Matou a sede, espero”, disse a Rainha. (CARROLL, 2014, p. 135)

Com o seguinte fragmento acima é possível fazermos referência ao que cita Louis Vax (1960) em seu livro *L'Art et la Littérature fantastiques*: “A narrativa fantástica [...] gosta de nos apresentar [...] o mundo real em que achamos, homens como nós, colocados subitamente em presença do inexplicável!” (p. 5).

Levando em consideração a afirmação de Vax (1960), é possível observar que o fantástico vem desconcertar e fazer transgredir o modo de pensar e até mesmo persuadir o leitor sobre o que ele acredita quando é transportado para outra dimensão e se vê diante de algo que não se pode explicar.

As histórias de Carroll até hoje despertam a atenção de crianças e jovens, estudiosos ou não da literatura, justamente por essa hesitação a qual não conseguimos distinguir o que é verdade ou imaginário, se algo realmente acontece, ou se tudo não passa de um sonho.

No entanto podemos citar outra passagem do romance quando Alice corre rapidamente junto a Rainha Vermelha, mas permanece no mesmo lugar:

“Que terra mais pachorrenta!” comentou a Rainha. “Pois aqui, como vê, você tem de correr o mais que pode para continuar no mesmo lugar. Se quiser ir a alguma outra parte, tem de correr no mínimo duas vezes mais rápido!” (CARROLL, 2013, p. 135).

Com o trecho acima observamos como as coisas mudam na terra do Espelho, as coisas sempre acontecem ao contrário. Tudo o que no mundo real resolvemos sentido horário na terra do Espelho é resolvido no sentido anti-horário. Mais uma vez o romance de *AAE* nos surpreende com a presença de

seres nunca antes imaginados no mundo em que vivemos como podemos acompanhar no diálogo entre o Mosquito e Alice:

“Olhe para o galho em cima da sua cabeça”, disse o Mosquito, e vai ver uma Libélula-de-natal. Seu corpo é de pudim de passas, as asas de azevinho, e a cabeça é uma passa flambada ao conhaque” (CARROLL, 2014, p. 142).

Para melhor entender o trecho acima com a presença de seres fora do comum, recorreremos a Todorov (2010) que cita o pensamento de Olga Reimann (1926):

O herói sente contínua e distintamente a contradição entre os dois mundos, o do real e do fantástico e ele próprio fica espantado diante das coisas extraordinárias que os cercam (p. 31).

Ou seja, dessa maneira o autor deixa bem claro que essa hesitação ou até mesmo a dúvida não é provocada apenas no leitor, mas sim no personagem, na qual até mesmo Alice fica espantada e até mesmo perplexa com todas as aventuras vividas e personagens que ela conhece durante toda sua passagem no mundo existente através do espelho.

Durante toda a narrativa de *AAE* percebemos a presença da inversão dos sentidos dentro do romance, na qual sempre deixa Alice confusa sem saber como agir, ou até mesmo como falar. Como podemos observar no diálogo entre a Rainha Vermelha e Alice.

[...] “É isso que dá viver às avessas”, disse a Rainha com doçura: “sempre deixa a gente um pouca tonta no começo...”. “Viver às avessas!” Alice repetiu em grande assombro. “Nunca ouvi falar de tal coisa!” “... mas há uma grande vantagem nisso: a nossa memória funciona nos dois sentidos.” “Tenho certeza de que a minha só funciona em um”, Alice observou. “Não posso lembrar coisas antes que elas aconteçam.” “É uma mísera memória, essa sua, que só funciona para trás”, a Rainha observou (CARROLL, 2014, p. 163).

Nesse pequeno trecho é possível despertar no leitor a indagação de como seria possível lembrar-se de alguma coisa antes mesmo que aconteça, fazendo com que, quem está lendo pare e reflita se isso seria realmente

possível na vida real, no mundo real. Desta forma, fica claro que o fantástico não permanece apenas na existência de um fato ou acontecimento, porém também está presente na forma de se ler e interpretar aquele momento vivido pelo personagem, fazendo o leitor se questionar sobre a possibilidade daquela experiência vivida pelo personagem se tornar real em nosso mundo.

Ao passarmos por toda a obra é possível acompanharmos as mais diversas aventuras ao lado da nossa pequena personagem que a cada passo vivencia uma nova experiência.

Outra peculiaridade presente na obra é a repentina troca de ambiente uma vez que Alice se encontra em um diálogo com a Rainha Vermelha, quando de repente se dá conta que está em outro lugar. Acompanhemos a seguir o diálogo retirado do *Capítulo 5 Lã e água* da própria obra entre as duas personagens (a Rainha Vermelha e a pequena Alice).

[...] Olhou para a Rainha, que parecia ter se enrolado em lã de repente. Esfregou os olhos e olhou de novo. Não conseguia entender nada do que tinha acontecido. Estaria numa loja? E era mesmo... era mesmo uma ovelha que estava sentada do outro lado do balcão? Por mais que esfregasse os olhos, tudo o que conseguia entender era: estava numa lojinha escura, com os cotovelos apoiados no balcão, e diante de si estava uma velha Ovelha, sentada numa poltrona tricotando, e vez por outra parando para fitá-la através de um grande par de óculos. (CARROLL, 2014, p. 166)

Desta maneira, notamos que o texto em estudo mantém o leitor numa sensação de incerteza de tudo aquilo que é acompanhado por ele – se o que ele acompanha trata-se de fatos reais, ou estranhos.

Entre tantas aventuras e experiências vividas por Alice faz-se necessário exemplificar cada uma delas nesse trabalho para que o leitor possa perceber e por fim identificar as mais diversas peripécias experimentadas pela pequena Alice.

No decorrer da narrativa Alice mais uma vez se depara com um fato incomum que causa a hesitação mencionada anteriormente por Todorov, quando Alice se encontra com o personagem de Humpty Dumpty⁷ que é um

⁷ Originalmente, o personagem provém de uma cantiga infantil popular à época vitoriana, na qual Carroll (2013), buscou inspiração para criar seu personagem, sendo este melhor

“ovo gigante” sentado em um muro tão estreitinho, fato, na narrativa, que acaba causando na personagem (que sugere ao mesmo ficar no chão) tamanha estranheza:

“Parece um ovo sem tirar nem pôr!” disse alto, com as mãos prontas para segurá-lo, pois temia que caísse a qualquer momento.

“É muito irritante”, Humpty Dumpty disse logo após um longo silêncio, sem olhar para Alice enquanto falava, “ser chamado de ovo... muito!”.

(...) “Não acha que ficaria mais seguro no chão?” Alice continuou, não qualquer ideia de propor um outro enigma, mas movida pela simples ansiedade benévola que a estranha criatura despertava nela. “Esse muro é tão estreitinho!”

(CARROLL, 2013, p. 172)

Portanto, com mais essa situação vivida pela protagonista entre o real e o sobrenatural vemos a presença de momentos nunca antes imaginados e se estes realmente seriam possíveis de acontecer em um mundo como o nosso, o mundo real.

Diante de tantas aventuras vivenciadas pela nossa pequena personagem é importante ressaltar a importância da obra na literatura por despertar no leitor diferentes sensações a cerca de capítulo. Na qual o leitor a todo o momento se questiona diante dos fatos e permanece a dúvida se tudo o que acompanhou foi fruto da imaginação, um sonho ou se realmente aconteceu de verdade.

Portanto faz-se necessário ressaltar a importância dos textos de Carroll (2013), que até hoje são capazes de despertar as mais diversas pesquisas, por se tratar de obras que encantem todos os públicos e são capazes de confrontar os dois mundos o real e o fantástico, como Roas (2014) afirma:

a narrativa fantástica provoca- e portanto, reflete a incerteza na percepção da realidade e do próprio eu; a existência do impossível, de uma realidade diferente da nossa, leva-nos, por um lado, a duvidar desta última e causa, por outro, em direta relação com isso, a dúvida sobre nossa própria existência, o

conhecido pela versão de Mamãe Gansa na Inglaterra. Seu nome também chama bastante atenção pelo jogo de sons ao ser pronunciado, ao qual Carroll sempre se mostrou bastante interessado, não pelo seu (significado), mas sim por sua dimensão lúdica.

irreal passa a ser concebido como real, e o real, como possível irrealidade". (p. 32).

Nesse caso, fica claro que, a presença desse gênero dentro de uma narrativa traz á tona a incerteza de quem lê a obra, provocando no leitor as mais diversas sensações, desfazendo suas ideias e suas verdades absolutas.

Portanto, é possível afirmar que a Literatura Fantástica é capaz de persuadir o leitor o qual se envolva de forma particular com o texto, se permitindo uma viagem por lugares nunca antes visitados e situações nunca antes vividas. Pois, como afirma Roas (2014): o fantástico nutre-se do real, é profundamente realista, porque sempre oferece uma transgressão dos parâmetros que regem a ideia de realidade do leitor. (p.24). Nesse caso fica evidente o fantástico existente dentro do romance de Alice no qual acontece em um universo realista, semelhante ao nosso, na qual de forma inesperada nossa personagem é inserida em um mundo que foge da nossa realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista tudo que foi analisado é possível perceber no romance de Carroll, *Alice Através do Espelho* e o que ela encontrou por lá é como viviam os ingleses no período da Era Vitoriana no século XIX, sob o domínio da Rainha Vitória. Todo o romance é permeado de situações camufladas que denunciam situações vividas naquele período. Contudo faz-se necessário destacar a forma como Carroll escreve seus romances cheios de anedotas e duplo sentidos, a presença de palavras nunca antes vistas na língua inglesa, a junção de nomes para dar um novo sentido são características bem particulares do romancista.

Diante dos argumentos expostos e se baseando na teoria de Todorov (2010) o fantástico representa uma experiência dos limites. (p.101). Portanto podemos constatar uma proximidade do texto de Carroll as teorias do fantástico que foram apresentadas nesse trabalho.

Percebemos a inversão das ideias quando Alice se vê no País dos Espelhos e tudo é resolvido de forma contrária e confusa uma vez que do lado

oposto do espelho tudo é inverso. A presença do nonsense uma marca particular de Carroll que está presente em suas obras e sua forma de escrever que surpreende a todos por confundir e ver que tal situação não seria capaz de acontecer em vida real.

Assim, diante de tantas definições e procedimentos que utilizamos para classificar a obra fica claro a presença do fantástico no texto. Uma vez que o texto é permeado de exemplos que se sustentam nessa teoria.

REFERÊNCIAS

ALAZRAKI, J. **¿Qué es lo neofantástico?** In: ROAS, D. (org.). *Teorías de lo fantástico*. Madrid: Arco/libros, 2001. P.265-82.

BESSIÈRE, Irene. **“El relato fantástico: forma mixta de caso y adivinanza.”** David Roas, org. *Teorías de lo Fantástico*. Madrid: Arco/Libros S.L., 2001.

CAILLOIS, R. **Fantastique**, in C. Grégory (org.), *Encyclopaedia Universalis*, E.U. Paris, France, VI, 1980, ad vaocem. (apud, Ceserani, 2006, p. 47)

CAMPRA, R. **Fantástico y sintaxis narrativa**. Río de la Plata, n.1. 161.1985. p. 95-111.

_____. **Lo fantástico: uma isotopia de transgresión**. In: ROAS, D. (org). *Teorias de lo fantástico*. Madrid: Arco/Libros, 2001. p. 153-91.

CARROLL, Lewis. Alice: **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**; & *Através do Espelho*/ Lewis Carroll; ilustrações originais JOHN Tenniel; introdução e notas de Martin Gardner; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. – 2.ed. com. eil. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.p. 119,120,127,133

CESERANI, Remo. **O fantástico**/ Remo Ceserani; tradução de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006. p. 83,84,141,142

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. RJ: José Olympio, 2010.

CORTÁZAR, J. **Del cuento brevey sus alrededores**. In: _____. Valise de Cronópio. Tradução de Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006. P.227- 42- 39.

FURTADO, Filipe. **A Construção do Fantástico na Narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

MORAIS, Flávia Costa. **Literatura vitoriana e educação moralizante**. São Paulo: Alínea, 2004. p.36

PALO, Maria José. **A palavra e o imaginário em Alice através do Espelho, de Lewis Carroll**. PUCSP, 2014

REISZ, S. **Las ficciones fantásticas y sus relaciones com otros tipos ficcionales**. In: ROAS, D. (org.). Teorías de lo fantástico. Madrid: Arco/Libros, 2001. p. 193-221.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**/ David Roas, tradução Julián Fuks. – 1. Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 61, 125, 132,178,179

ROSSI, A. Confiar. In: _____. **Manual del distraído** [1978]. Barcelona: Anagrama, 1997. p.33-7.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica** (tradução Maria Clara Corre Castello). – 4. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.p.30,41, 83,84

VAX, L. **Làrt et at Littérature fantastiques**. Paris, P.U.F., 1960, (col. “Que sais-je?”).

Sites usados para consulta:

<http://dicionarioportugues.org/pt/pragmatica>. Acessado em 20/04/2017

<https://thebloggerwocky.wordpress.com/2011/05/28/humpty-dumpty-o-sabertudo-prosopagnostico/> Acessado em: 10/05/2017

<https://www.significados.com.br/determinismo/> Acessado em: 12/05/2017

<https://sportsregras.com/tudo-criquete-historia-regras/>Acessado em: 14/06/2017